



a Página
da educação

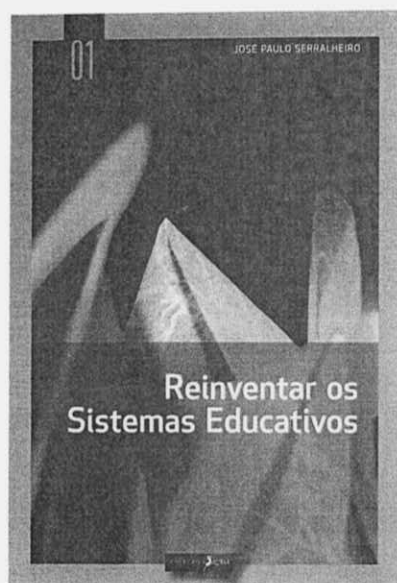
edite | nº138 | outubro 2012 | www.apagina.pt | 4 €

*Sérgio Niza os professores
têm de tomar consciência da
sua própria força*

*Paulo Santiago avaliar
não é um fim em si, é um meio
para atingir um fim*

Quanto mais silêncio?
Domingos Fernandes

NOS 20 ANOS DA PÁGINA UMA NOVA COLEÇÃO



Um livro de leitura obrigatória para todos os educadores e professores, pedagogos e investigadores, pais e encarregados de educação, bem como para políticos e cidadãos, já que percorre vários andamentos da nossa história contemporânea, analisados por José Paulo Serralheiro, entre fevereiro de 1992 e abril de 2002, nas páginas d'*a Página da Educação*.



Com um título particularmente sugestivo e interpelante, Miguel Santos Guerra recorda que não há outra forma de viver a “apassionante questão da cidadania”, senão através de um compromisso quotidiano com a prática da democracia enquanto escola de liberdade – liberdade teimosamente perseverante na defesa da convivência solidária, da justiça e da paz social.

Coleção a Página
DISPONÍVEL NAS LIVRARIAS E NA PROFEDIÇÕES
Rua D. Manuel II, 51/C - sala 25 - 4050-345 Porto
www.profedicoes.pt

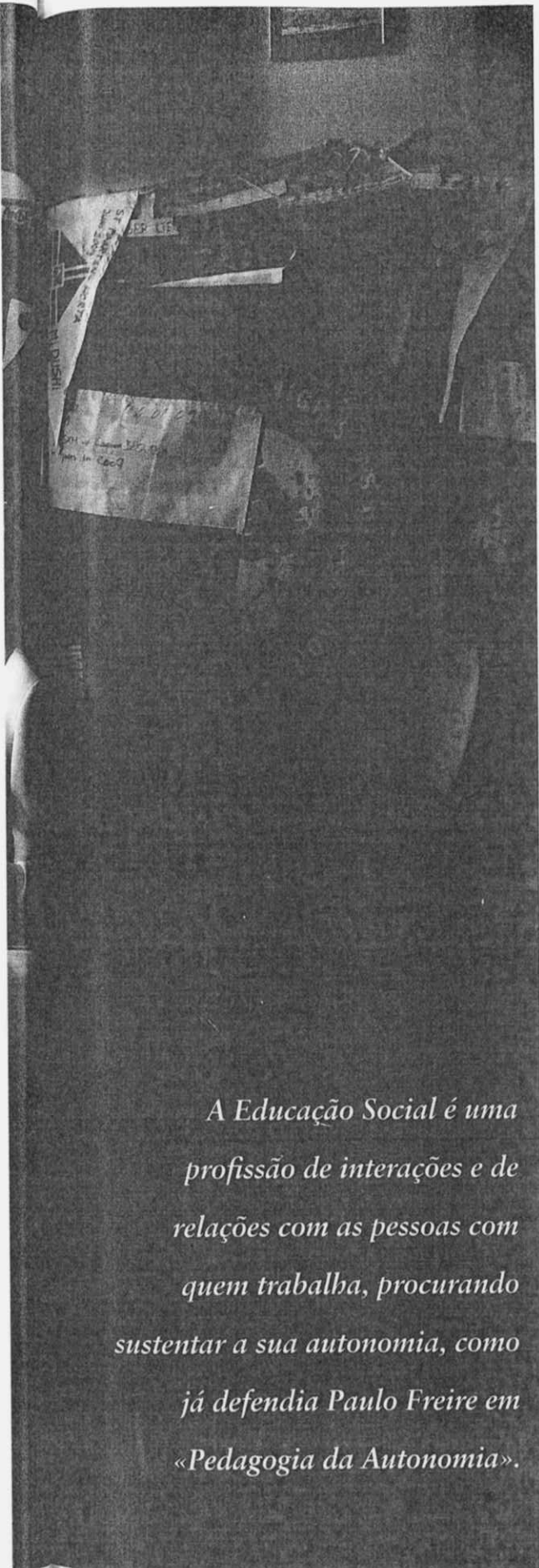
ANA VIEIRA



*EDUCAÇÃO SOCIAL:
DA INTÉRVENÇÃO E DO PROFISSIONAL*

Ana Vieira

Centro de Investigação Identidade(s) e Diversidade(s)
Instituto Politécnico de Leiria



*A Educação Social é uma
profissão de interações e de
relações com as pessoas com
quem trabalha, procurando
sustentar a sua autonomia, como
já defendia Paulo Freire em
«Pedagogia da Autonomia».*

A Educação Social, pensada não apenas como um curso de licenciatura específico, ou outro, mas antes como área, como um campo, é transversal a muitas profissões [M. Capul e M. Lemay, *Da educação à intervenção social*]. De acordo com Isabel Baptista, os educadores sociais situam-se num espaço profissional entre os educadores-professores, “com quem partilham o saber pedagógico”, e os trabalhadores sociais, com quem “partilham os mesmos territórios de intervenção”. Os educadores sociais estão, assim, “especificamente preparados para desenvolver uma acção educativa em espaços sociocomunitários. É aqui que o seu trabalho se cruza com o de outros trabalhadores sociais” [em *A Página da Educação* n.º 94, setembro/2000]. A Educação Social, como campo de intervenção, usa modelos teóricos de diferentes disciplinas: “história, sociologia, direito, etnologia, economia, psicologia, biologia, psiquiatria, psicanálise, etc.” [Capul e Lemay]. E para Adalberto Dias Carvalho e I. Baptista, “a Educação Social surge, actualmente, como um domínio de ponta. Enquanto plataforma agregadora de perspectivas disciplinares e de projectos de intervenção, ela estabelece relação entre o saber próprio do universo da pedagogia – esta, tradicionalmente ligada à educação escolar – e a experiência da acção no terreno do trabalho social. Assim, ela impulsiona, cada vez mais, novos horizontes para a investigação e para um importante conjunto de profissionais” [*Educação Social. Fundamentos e estratégias*].

Por outro lado, se considerarmos a Educação Social como prática da pedagogia social (J. A. Caride), ela “capacita as pessoas para a vida fugindo de uma perspectiva de comodismo que significa adaptação a um mundo dado. Antes pelo contrário, o que busca é o desenvolvimento pleno e autónomo das pessoas, cultivando as diversas dimensões humanas (afectiva, social, intelectual, física)” [R. P. Gradañlle e T. Iglesias, “Educando en igualdadde nos escenarios escolares e sociais”].

A função do educador social apoia-se no “amor-vocação para uns, profissão-tecnicidade para outros” [P. Fustier, *L'Identité de l'Éducateur Spécialisé*]. “No fundo cabe aos educadores sociais criar e alimentar os espaços de mediação necessários a uma socialização feliz” [Batista]. A Educação Social é, portanto, uma profissão de interações e de relações com as pessoas com quem trabalha, procurando sustentar a sua autonomia, como já defendia Paulo Freire na sua *Pedagogia da Autonomia*.

Temos, claro, mais do que uma definição de educador: “Uns insistem no comprometimento pessoal e nas ‘qualidades do coração’; as outras querem caracterizar uma metodologia de comunicação que, para além das qualidades necessárias, permite desembocar no estatuto de ‘prático da relação’. Ultrapassando estas querelas, pode, sem dúvida, considerar-se que a profissão de educador se caracteriza essencialmente pela possibilidade de partilhar períodos de vida com uma criança, um adolescente, um adulto – ou um grupo de crianças, de adolescentes, de adultos – para lhes permitir situarem-se melhor perante eles próprios e perante a sua envolvente”, consideram M. Capul e M. Lemay. Estes autores caracterizam a relação profissional do educador social em sete dimensões:

1. a escuta, que pressupõe a descodificação de um discurso, e a empatia;
2. a aceitação da pessoa com as suas riquezas e os seus limites, que remete para o respeito, mas não necessariamente para a aceitação de todos os seus atos;
3. o esforço para pôr em jogo atitudes de antecipação que remetem para a crença na mudança dos sujeitos rompendo com a força do determinismo social;
4. a retenção que remete para a acção educativa de jovens que conseguem reestruturar-se quando encontram um adulto empático, seguro, embora distanciado dos seus problemas, que pode dar “sentido ao inteligível e estruturar assim um universo que se tornou cataclísmico”;
5. a afirmação da lei, que implica, para além da empatia, a coerência para “representar uma lei”;
6. o duplo olhar, que remete para o olhar sobre si mesmo no ato de escutar o outro, interrogando-se “sobre o que é e sobre o que faz no seu encontro com o outro”;
7. a perspectiva sistémica, em que o educador terá de considerar o “conjunto de componentes da realidade da pessoa: a sua família, os seus pares e amigos, a escola, a vizinhança, a comunidade, o meio de trabalho, etc.”. [*continua*]